



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UnICEUB**

Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA

Monografia de Conclusão do Curso de Comunicação Social

Habilitação em Jornalismo

Professor Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

## **Lições de Guerra:**

*A batalha jornalística do repórter Carlos Fino*

**Diego Recena – 20164941**

Brasília, DF, junho de 2006

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB**

Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA

Monografia de Conclusão do Curso de Comunicação Social

Habilitação em Jornalismo

Professor Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

## **Lições de Guerra:**

*A batalha jornalística do repórter Carlos Fino*

**Diego Recena – 20164941**

Brasília, DF, junho de 2006

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social. Habilitação em Jornalismo

Aprovado por:

---

---

---

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta monografia a minha mãe, Macao Goes, amor de uma vida e a minha namorada, Rafaela Céu, amor para vida toda.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em especial ao meu pai, Luiz Recena, pelas lições de surfe, vida e jornalismo. Por meio de suas cartas enviadas de Moscou, aprendi com a saudade como funcionava o trabalho de um correspondente. Agradeço ao meu irmão Jaime Recena, grande companheiro; a todos os meus amigos, sem exceção e com destaque para Walter Mello; aos meus editores: Adriano Lopes de Oliveira, Carlos Bortolás, Rozane Oliveira e Riomar Trindade, mais pelos cortes na carne do que pelos cortes no texto; e por fim, agradeço aos meus professores Luiz Cláudio Ferreira e Sérgio Maggio.

# SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>RESUMO.....</b>                                  | <b>07</b> |
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>                            | <b>08</b> |
| 1.1 Guerras e o Jornalismo Internacional.....       | 09        |
| 1.2 Participação Brasileira.....                    | 11        |
| <b>2 DESENVOLVIMENTO</b>                            |           |
| 2. <i>De Fronteira a Brasília.....</i>              | <i>13</i> |
| 2.1.1 Na Guerra por Casualidade.....                | 15        |
| 2.1.2 Cemitério dos Correspondentes Mortos.....     | 16        |
| 2.2 <i>Ao Vivo de Bagdá – A Guerra Começou.....</i> | <i>18</i> |
| 2.2.1 Sorte e Determinação.....                     | 19        |
| 2.3 <i>Mergulho em Profundidade.....</i>            | <i>23</i> |
| 2.3.1 Não Basta ser Voluntário.....                 | 27        |
| 2.4 <i>Depois do Zunido, a Bomba.....</i>           | <i>29</i> |
| 2.5 <i>Lições do Front.....</i>                     | <i>33</i> |
| 2.5.1 Convenções.....                               | 33        |
| 2.5.2 Opções de Cobertura.....                      | 34        |
| 2.5.3 Segurança.....                                | 34        |
| 2.5.4 Questionário.....                             | 35        |
| <b>3 CONCLUSÃO.....</b>                             | <b>37</b> |
| <b>4 BIBLIOGRAFIA.....</b>                          | <b>40</b> |

## **Resumo**

Desde o início da Guerra do Iraque, em 2003, os jornalistas estão novamente sob o fogo cruzado dos conflitos mundiais. O alto número de repórteres mortos e a manipulação de informações colocaram sob alerta vermelho as organizações de defesa do jornalismo. O correspondente de guerra Carlos Fino mostra que apesar deste quadro ainda é possível realizar uma cobertura com distanciamento crítico e objetividade. Para isso é necessário conhecer os elementos que compõem a cobertura de uma guerra e reavaliar os conceitos-chaves da profissão, como a própria objetividade. Jornalistas mortos não escrevem notícias. E sem informação, a violência das guerras permanece oculta. Não se pode abrir mão dos correspondentes de guerra.

## **Palavras chave**

Correspondente de guerra; Jornalismo; democracia

## 1) Introdução:

Uma bomba. Na linguagem jornalística, define-se como impetuosa novidade que altera os descaminhos do noticiário. Neste trabalho, aparece como um artefato explosivo utilizado em conflitos armados. Para quem já cobriu uma guerra, a bomba tem sentido denotativo. Estudar como funciona esta cobertura, por intermédio do exemplo do jornalista português Carlos Fino, é o objetivo central dessa monografia.

Através do testemunho de Fino e de outros jornalistas que já escreveram sobre o tema, será possível reconhecer as dificuldades que envolvem o trabalho do correspondente de guerra ou o chamado enviado especial. Desde a falta de infraestrutura de redação até a manipulação de informações, são inúmeros os elementos que compõe a cobertura. Diante desse quadro, o problema em questão é como fazer uma cobertura jornalística de uma guerra com objetividade e distanciamento crítico?

O que leva jornalistas a desafiarem a própria vida em busca da notícia ou porque a verdade é sempre a primeira vítima são perguntas que o trabalho vai tentar explicar no plano específico. Para isso, Fino foi entrevistado pessoalmente pelo autor da monografia duas vezes, em sessões de mais de duas horas cada. Reconhecido em todo mundo, o correspondente português atua como repórter há mais de 30 anos. Nascido em Lisboa em 1948, criado no Alentejo, Carlos se tornou mais conhecido do grande público a partir de suas reportagens na ex-União Soviética.

Como correspondente da Rádio e Televisão Portuguesa (RTP) foi testemunha de acontecimentos que transformaram o mundo. Em Moscou, presenciou o fim da União Soviética, o fim do comunismo em toda Europa Oeste e a queda do muro de Berlim. Em Bruxelas, assistiu a construção da União Européia. Em Washington, as grandes manifestações antiglobalização e as eleições presidenciais de 2000, de onde George W. Bush saiu vencedor. Como correspondente de guerra e enviado especial cobriu conflitos na Geórgia, Moldova, Nagornokarabakh, Chechênia, Afeganistão, Oriente Médio e Iraque.

A escolha de Fino se deve principalmente por ele ser considerado uma autoridade na cobertura de guerra, por ser um jornalista reconhecido internacionalmente que tem o português como primeiro idioma e por morar



atualmente em Brasília. O fato de ele ter se colocado a disposição também foi de fundamental importância.

Como uma maneira de complementar a monografia, e até para estabelecer o contraditório – característica essencial no jornalismo, opiniões de diversos correspondentes de guerra aparecerão ao longo dos capítulos seguintes. Alguns depoimentos foram colhidos em entrevistas exclusivas, outros são frutos de pesquisas bibliográficas.

Para entrevistar Fino utilizou-se um tópico com perguntas pré-elaboradas. A finalidade foi ressaltar assuntos-chaves do trabalho. Como também havia a intenção de estimular o entrevistado a falar, principalmente para captar as emoções dos acontecimentos narrados, às vezes o guia foi deixado de lado. Foi entregue ainda um questionário com perguntas do tipo sim ou não, para que ao final da pesquisa fosse possível analisar as respostas de maneira precisa.

Dessa forma justifica-se a importância do assunto como uma questão de cidadania. As guerras estão diretamente associadas à disputa de poder político, econômico ou tecnológico entre nações. Em uma sociedade democrática o entendimento geral é que as pessoas têm o direito de saber em nome de quem ou de quem as guerras são travadas. O papel do jornalista nesse campo deve ser o de assegurar que esse direito seja atendido. Além disso, se faz necessário resgatar as histórias de profissionais que participaram dessas coberturas, como é o caso de Carlos Fino.

## **1.1 Guerras e o jornalismo internacional**

Desde a mitológica Guerra de Tróia, que data de 1.200 anos antes de Cristo, o mundo viveu poucos dias de paz. Ao longo da história da humanidade ocorreram mais de 100 guerras. Sobre isso o estudioso norte-americano Q. Wright, autor do livro “O estudo da Guerra”, vai dizer:

Mesmo quando a Guerra teve como função assegurar mudanças na civilização, seu efeito último foi o de produzir oscilações no surgimento e na queda de Estados e de civilizações. Toda e qualquer evolução persistente que tenha acontecido na história humana nunca dependeu da Guerra, mas do pensamento. Os Alexandre, os Césares e os Napoleões produziram oscilações, mas os Aristóteles, os Arquimedes, os Agostinhos e os Galileus produziram o progresso (apud, BOBBIO, 1993, p. 527).

Em suas palavras, Wright deixa claro que na maior parte das vezes as guerras não possuem uma causa justa, uma finalidade benéfica ou mesmo a aprovação da humanidade. As causas dos conflitos bélicos estão divididas em grupos, podem ser ideológicas, econômicas, psicológicas, políticas e/ou jurídicas.

Existem várias definições para o conceito de uma guerra. Do ponto de vista genérico, Wright define como um violento contato entre entidades distintas mas semelhantes. Outros estudiosos vão dizer que é um contato violento mediante a força armada. Para o fim desta pesquisa, será adotado o conceito mais atual de guerra, que analisa os fatos históricos.

Estes fatos se caracterizam por atividade militar, alto grau de tensão na opinião pública, adoção de normas jurídicas atípicas às vigentes no período de paz e uma progressiva integração política dentro das estruturas estatais dos beligerantes. A guerra será entendida nessa monografia como um conflito armado entre dois ou mais grupos organizados.

O papel do correspondente destes conflitos é oriundo do chamado jornalismo internacional. Uma especialização que nasce quando o banqueiro francês Jacob Függer von der Lilie cria a newsletter. Nesse período, século XVI, o objetivo era receber informações que tivessem utilidade para os negócios. As notícias e análises eram redistribuídas dentro da própria rede de agentes da casa bancária. Estava ali o embrião do jornalismo econômico e político voltado para assuntos internacionais (NATALI, João Batista, 2004).

Mas é somente a partir do século XIX que o jornalismo internacional ganha força, quando os periódicos impressos de Londres resolvem ampliar a sua área de cobertura. Com o surgimento do telégrafo começam a ser formadas as primeiras agências de notícias, que eram nada mais do que associações entre jornais para cobrir eventos de grande relevância, como guerras e revoluções.

O primeiro conflito a receber cobertura jornalística foi a guerra da Criméia (1854-1856). Segundo a jornalista Paula Fontenelle, que em seu livro "Iraque: A Guerra pelas Mentes" faz um levantamento do trabalho jornalístico em guerras, foi uma cobertura limitada. Dos jornais britânicos apenas o *The Times* registrou o conflito. A censura foi imposta rapidamente devido à postura crítica da mídia (NATALI, João Batista, 2004).

A participação da imprensa em conflitos cresceu tempos depois. Na Guerra Civil Americana (1861-1865), mais de quinhentos jornalistas estiveram presentes na

região norte dos Estados Unidos. Naquele tempo as imagens eram retratadas por ilustradores que iam aos campos de conflito.

Um dos principais representantes da “geração perdida”, ciclo literário norte-americano iniciado nos anos 20, Ernest Hemingway, começou sua carreira no front. Cobriu para a Associação Norte-americana de Jornais a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Em agosto de 1944, no fim da Segunda Guerra, Hemingway foi o primeiro correspondente aliado a entrar em Paris.

Na fotografia, Robert Capa, Henri Cartier-Bresson e Alberto Korda eternizaram em guerras momentos que se tornaram históricos. Capa (1913- 1954) registrou a Guerra Civil Espanhola, a invasão da China pelo Japão, em 38, o desembarque dos aliados na Normandia, em 1944, e o nascimento do Estado de Israel, em 1949. Costumava dizer que quanto mais próximo do acontecimento, melhor a foto. Morreu em 1954 ao pisar numa mina durante a cobertura da Guerra da Indochina.

Korda foi responsável, entre outras fotos, por eternizar o retrato mais difundido mundialmente do líder revolucionário Ernesto Che Guevara. A foto foi tirada em cinco de março de 1960, em Cuba, em um ato pelo enterro das vítimas da explosão do vapor La Coubre. Cartier Bresson, por sua vez, registrou os últimos dias da revolução chinesa, em 1949. No ano de 1947, fundou a agência fotográfica Magnum, que ainda hoje detém um dos acervos mais expressivos da história do século XX.

Desde então, houve muitas mudanças no trabalho do correspondente de guerra. A evolução tecnológica fez com que dos ilustradores da Guerra Civil americana houvesse uma evolução para fotografia, depois para o rádio, cinema, transmissão ao vivo via satélite e agora por fim, a difusão imediata do fato através da internet. Na Guerra do Iraque a grande novidade foi o videofone, um aparelho capaz de enviar voz e imagem via satélite (FINO, Carlos, 2004).

## **1.2 Participação brasileira**

No Brasil, o noticiário internacional esteve ausente nas primeiras décadas da prática jornalística. Atribuiu-se a isso dois motivos: o primeiro ao atraso com que as notícias chegavam no país, já que vinham de navio. Segundo, pelo fato das

publicações nacionais terem de competir com periódicos importados, já que as oligarquias eram bilíngües e tinham fácil acesso aos noticiários estrangeiros.

Os primeiros traços do jornalismo internacional no Brasil são de 1836, quando começou a ser veiculado o jornal *Gazeta Universal*, em Pernambuco. O periódico publicava as notícias que chegavam com os navios do exterior. A partir daí, a história do noticiário internacional brasileiro foi marcada por diversas fases. Entre o final do século XIX e início do século XX, por exemplo, surgiram no país 17 jornais destinados a comunidades imigrantes. Nessa época, os jornais brasileiros também recebiam artigos enviados por diplomatas em missão no exterior.

Um dos primeiros correspondentes de guerra do Brasil pode ser identificado pela figura de Visconde de Taunay, que escreveu o célebre livro “*A Retirada da Laguna*”, onde narrou episódios da Guerra do Paraguai. Depois veio Euclides da Cunha, que cobriu a Guerra de Canudos, em 1897, como enviado especial do jornal *O Estado de São Paulo*. A partir de suas anotações escreveu um dos maiores clássicos da literatura nacional, “*Os Sertões*” (1902).

Já na Segunda Guerra Mundial, o Brasil contou com a presença de jornalistas como Joel Silveira, enviado dos *Diários Associados* e Rubem Braga, correspondente do *Diário Carioca*. Durante a guerra do Vietnã repórteres como José Hamilton Ribeiro, da revista *Realidade* – um paradigma no jornalismo brasileiro, e Luís Edgar de Andrade, “free-lancer”, cumpriram a função de mostrar o embate entre vietnamitas e norte-americanos.

A ditadura militar no Brasil também trouxe novidades ao noticiário internacional, pois as pautas censuradas em território brasileiro eram abordadas via editoria de exterior. “Durante a década de 1970, muitos fatos da realidade brasileira só foram conhecidos através de veículos internacionais, uma vez que os brasileiros estavam sob censura velada ou explícita”, diz o jornalista e historiador Heródoto Barbeiro (GIBB in GOYZUETA & OGIER, 2003, p. 7).

Na década de 70, os grandes jornais brasileiros mantêm várias equipes fora do país. Com a crise nacional da dívida externa, no início dos anos 80, e também com o avanço da tecnologia, o noticiário internacional passou a ser produzido dentro das próprias redações. Hoje, se são poucas as empresas que ainda mantêm profissionais no exterior, menor ainda é o número de jornais que possuem correspondentes de guerra. Durante a última Guerra do Iraque, apenas dois

jornalistas brasileiros estiveram no campo de batalha, Sérgio Dávila e Juca Varella, enviados do jornal Folha de São Paulo.

A censura à imprensa durante conflitos também continua a ser a mesma desde a Guerra da Criméia. Em uma guerra os repórteres são obrigados a lidar com poderes estatais e militares que tentam manipular o trabalho jornalístico. O correspondente australiano Phillip Knightley (Nova York, 1975), autor do livro “A primeira vítima” costuma dizer que em uma guerra a verdade raramente é dita. O que Knightley deixa claro é que cada governo tenta controlar os meios de comunicação para obter apoio aos seus objetivos.

Se necessário, o governo vai mentir para os meios de comunicação, afirma o australiano. Muitos correspondentes de guerra aceitam as mentiras em nome do patriotismo, convicção ou ambição pessoal. Os editores aceitam as mentiras porque é de seu interesse apoiar os governos e, por fim, se isso não funcionar, o governo vai empregar propagandistas profissionais para manipular a opinião pública. Até hoje as supostas “armas de destruição em massa” que Saddam Hussein possuía não foram encontradas. O que não impede que a guerra continue a ser travada pelos Estados Unidos.

## **2) De Fronteira a Brasília**

A imagem do repórter já foi confundida inúmeras vezes com a imagem do super-homem. Um personagem saído das histórias em quadrinhos capaz de ser jornalista durante o dia e salvar o mundo nas horas vagas. Sobre isso Geraldinho Vieira, autor do livro “Complexo de Clark Kent – São super-homens os jornalistas?”, escreveu:

O poder da palavra, da imagem, da seleção e interpretação dos fatos, e de sua multiplicação cria a ilusão do repórter super-homem como, a começar pela tradicional história em quadrinhos, foi tantas vezes utilizada pela ficção – do cinema as novelas de TV, passando pela literatura e pelo teatro. A ficção coloriu uma profissão onde o dia a dia é uma maravilhosa aventura no combate aos males sociais e na procura da verdade, onde as portas parecem abertas a toda sorte de liberdade, da manipulação da realidade ao acesso e divulgação da informação (VIEIRA, 1991, pág 12).

Quando o autor desta monografia foi entrevistar o correspondente de guerra português Carlos Alberto Gonçalves Fino, o estereótipo formado era parecido.

Esperava-se encontrar um jornalista capaz de cobrir guerras e sair ileso dos bombardeios. Talvez por isso, surge logo de imediato um estranhamento ao encontrar um homem de aparência madura, com alguns cabelos brancos espalhados entre fios pretos deixando a experiência à mostra; baixa estatura, por volta de 1,70 m; 53 anos; e um cachimbo vinho na boca. A aparência o aproxima mais a um detetive do que a um super-homem propriamente dito.

Sentado em frente a um computador disposto nos fundos de um escritório da Embaixada de Portugal em Brasília, Fino respondeu durante quase uma hora a um fuzilamento de perguntas. Nada que o assustasse. Este capítulo dedica-se inteiramente a resposta do primeiro questionamento. Para analisar o envolvimento do repórter português com a cobertura de guerra é necessário antes contar como ele virou jornalista.

Carlos Fino nasceu no dia 24 de dezembro de 1948, na maternidade Alfredo Costa, no bairro de São Sebastião da Pedreira, em Lisboa, que por acaso vem a ser o mesmo patrono do Rio de Janeiro. A sua história de vida remete a região pacata do Alto Alentejo, na cidade de Fronteira, onde deu os primeiros passos. O interesse pelo jornalismo surge nas noites cálidas desta freguesia, como ele mesmo diz.

Em um tempo em que não havia televisão, a informação passava muito pelo contar, pelo ouvir contar. E nessas noites do Alentejo, noites cálidas, as pessoas circulavam muito. O meu pai enchia aquela noite com estórias. Isso sempre me fascinou, essa capacidade do meu pai de contar as mais diversas estórias.<sup>1</sup>

Algumas destas estórias tinham a ver com o Brasil. No clube de artes de Fronteira Fino teve acesso ao material que a média burguesia da vila lia. Havia uma sala de leitura onde os jornais portugueses e internacionais ficavam dispostos. No meio destas publicações estava também a revista *Cruzeiro*. Através dela, se faziam presentes a política brasileira e outras peculiaridades da América do Sul. Inclusive imagens da construção de Brasília.

Isto é importante na vida dele porque vai servir de enredo para as estórias do pai. Outro caminho que o leva para a comunicação é o do catolicismo:

---

<sup>1</sup> Fino, Carlos; entrevista ao autor

Eu ficava muito fascinado com o padre, porque minha formação é católica e na igreja eu via o padre falar. A certa altura foi introduzida uma inovação tecnológica na Igreja, que era o sistema de som, o microfone e o alto-falante. Aquilo era deslumbrante. Um lugar especial onde o padre falava para as massas. Eu acho que é por aí que eu comecei a me interessar pela comunicação.<sup>2</sup>

Quando Fino terminou o ensino secundário a decisão pelo jornalismo já estava consolidada. No entanto, como não existia escola de comunicação nem de sociologia, sua segunda opção de curso, ele partiu para o estudo de Direito. Quando ainda era estudante de advocacia, aos 23 anos, foi perseguido pela ditadura salazarista e obrigado a deixar Portugal. Exilado, Fino esteve na Espanha, Paris, Bruxelas e Rússia. Nesse último pousou trabalhou para Rádio Moscou e ganhou a credencial de correspondente da Rede de Televisão de Portugal (RTP).

### **2.1.1 Na guerra por casualidade**

Para que Fino se tornasse um correspondente de guerra foi necessário duas estadias na ex-União Soviética. Entre 1976 e 1982 ele fez a primeira passagem pela Rússia, onde cobriu para jornais e para RTP acontecimentos importantes como os jogos olímpicos de 1980 e as primeiras investidas russas contra o Afeganistão. Nessa etapa, a cobertura ainda foi feita distante dos campos de batalha. Após este período, Fino retornou a Lisboa. Sete anos depois foi convidado novamente a ir para Rússia.

Em 1989, com a era Mickhail Gorbachov, surgiu o interesse da televisão portuguesa em ter um correspondente em Moscou. Alguém que relatasse o início do processo de abertura política e econômica por qual passava a União Soviética. A RTP decidiu então enviar Carlos Fino para uma segunda temporada russa. Foi exatamente nesse período que ele começou a cobrir guerras.

O desmoronamento das Repúblicas Socialistas Soviéticas, na época uma reunião de mais de 17 repúblicas, provocou a eclosão de conflitos armados às margens do império russo. E quando o império se desfaz, começam as guerras.

---

<sup>2</sup> Fino, Carlos; entrevista ao autor

Eu estava em Cabul, Afeganistão, no fim de 1992 quando aparece a guerrilha. Depois começam a surgir vários conflitos. A primeira guerra da Chechênia, o conflito do Nagornokarabakh, que era um conflito de uma posse entre Armênia e o Azerbaijão, a guerra civil na Geórgia, a guerra civil na Moldova, e a luta pela independência dos estados bálticos. Para mim, era um imperativo categórico profissional. Se eu era correspondente em Moscou e aquelas coisas estavam todas a acontecer (sic) a minha volta, eu tinha obrigação de ir lá. E foi assim que eu comecei. Não porque eu tivesse uma apetência particular. A minha região no Alentejo é uma região pacata, é mais parecida com o Planalto Central do que com qualquer outra coisa. Eu gosto de sossego. Mas por circunstâncias profissionais, passei a ir. Assim me tornei um correspondente desses conflitos.<sup>3</sup>

### **2.1.2 Cemitério dos correspondentes mortos**

Depois de sair da União Soviética, já transformada em Rússia, em 1995, Carlos Fino foi para Bruxelas.

Bruxelas era uma espécie de cemitério dos correspondentes mortos. A certa altura, todos os correspondentes que estavam em Moscou estavam também em Bruxelas. Cobríamos os assuntos europeus, umas chatices. As questões das sardinhas, dos tomates, das alfaces, das maçãs, dos conflitos de interesses entre os diferentes países. Mas tinha também um aspecto interessante da construção europeia. Do avanço ou não para um estado federal, que é uma coisa muito específica europeia. A Europa só é enquanto não for. Há um movimento no sentido de que seja, sem nunca ser. Isso era interessante.<sup>4</sup>

A posição no centro europeu e a experiência na União Soviética fizeram com que Fino fosse enviado para os conflitos que continuavam a surgir, grande maioria resquício da Guerra Fria.

Estive na ex-Iugoslávia e cobri o fim do regime comunista na Albânia, país que se desfez completamente. Foi um fenómeno interessantíssimo. O Estado desapareceu, foi tudo entregue as massas. E as massas assaltaram as repartições e os quartéis. Eu fui fazer isso. Era um mundo a parte. Estávamos baseados na Grécia, junto à fronteira. E todos os dias nós entrávamos naquele mundo como se estivéssemos naqueles filmes de ficção científica, em que você atravessa para outro lado sem saber o que vai encontrar. Essa era a sensação que os correspondentes tinham quando entravam na Albânia.<sup>5</sup>

Em 1998, Fino saiu de Bruxelas e foi ser correspondente em Washington até o ano 2000, quando retornou a Portugal. No período entre 2000 e 2005, cobriu

---

<sup>3</sup> Fino, Carlos; entrevista ao autor

<sup>4</sup> Fino, Carlos; entrevista ao autor

<sup>5</sup> Fino, Carlos; entrevista ao autor



guerras no Oriente Médio, no Afeganistão e no Iraque como enviado especial da RTP. Neste último campo de batalha viveu o ápice de sua carreira. Durante a segunda guerra do Golfo, Fino anunciou em primeira mão para o mundo inteiro que o bombardeio a Bagdá havia começado.

No dia 20 de março de 2003, às 5h32min, horário de Bagdá, a notícia do início da guerra foi transmitida ao vivo pela RTP antes de qualquer outra televisão. Quatro minutos depois, a CNN entrou no ar e confirmou o que os portugueses já haviam dito. Atualmente, desde 2004, Carlos Fino é conselheiro de comunicação da Embaixada de Portugal em Brasília. Na Capital Federal o seu trabalho nada tem a ver com a função do correspondente de guerra, o que fez Fino devolver a carteira de jornalista.

O seu objetivo no Brasil é compensar o que ele chama de déficit de comunicação entre os países de língua portuguesa. Fino considera que Portugal e Brasil possuem interesses comuns na África, Nações Unidas e Europa. O seu sonho é fazer com que os dois países tenham a mesma cooperação que possuem no plano económico e pessoal também no plano da comunicação. Durante a cobertura da guerra do Iraque, por exemplo, foi firmado um acordo entre a TV Cultura e a RTP. Houve uma propagação de informações.

Na apresentação do livro “A Guerra ao Vivo”, de Carlos Fino, o jornalista brasileiro Heródoto Barbeiro diz que costumava contar com pelo menos duas colaborações diárias de Fino, uma durante a noite, no telejornal, e outra pela manhã, na rádio CBN. “Eu não podia deixar de estar disponível para falar a um país de língua portuguesa. Isso para mim era um dever moral e patriótico. Mas custava bastante, eram horas mortas em Bagdá”<sup>6</sup>, diz o correspondente.

Fino acredita que essa experiência entre a TV Cultura e a RTP pode ser estendida e ampliada. Cada país poderia aproveitar a presença do outro em cenários em que alguns não estão. “Em princípio essa compreensão é possível e desejável. Para que não haja o monopólio da informação, para que não haja uma visão unilateral das coisas. A realidade é múltipla, a verdade tem vários ângulos”, afirma.

Durante a cobertura do Tsunami, os portugueses estiveram em uns locais e os brasileiros em outros. Teria sido facilmente possível complementar a informação.

---

<sup>6</sup> Fino, Carlos; entrevista ao autor

Não houve acordo por falta de contatos. É isto que Fino espera conseguir em Brasília, apurar a lacuna noticiosa entre Portugal e Brasil.

## **2.2) Ao vivo de Bagdá – A guerra começou**

“Decorrem as últimas horas de quarta-feira, 19 de março de 2003, e a verdadeira contagem regressiva para a guerra começa agora. O prazo do ultimato dado por Bush a Saddam termina à meia-noite e a partir daí as hostilidades podem ter início a qualquer momento” (Fino, Carlos, 2003, pág 167).

Assim escreveu Carlos Fino na página de abertura do capítulo dedicado ao Iraque no seu livro sobre guerras. Não é a toa que o texto recebe o título de “crônica de uma guerra anunciada”. Faltando poucos minutos para começar uma série de bombardeios a Bagdá, o repórter e o seu colega cinegrafista, Nuno Patrício, estavam sentados na cama do quarto 1.727 do Hotel Palestina.

Os dois estavam exaustos. Já haviam entrado seis vezes ao vivo para dizer a nação portuguesa que a “noiva do Oriente Médio”, como é conhecida Bagdá, estava acesa. Todas as luzes da cidade estavam ligadas, tudo estava calmo como sempre. Talvez até mais sóbrio do que nunca, como quem diz em uma mensagem subliminar: a cidade está bonita, quem vier é que vai estragar a paisagem.

Em lados opostos da cama, após uma exaustiva jornada de trabalho Patrício e Fino tiveram enfim um momento de reflexão. Cada um a sua maneira. No caso do repórter, ele estava pensando em sua família. Segundo Fino, existe um momento em que você já viu de tudo na vida, já gozou tudo, já teve os entusiasmos todos, as paixões, já conheceu o amor e o ódio e já teve êxito profissional.

Ele vivia esse momento particular, de acordo com o que contou em entrevista a este trabalho. Pouco antes de ir para o Iraque, sua mãe tinha morrido em Portugal. Aquilo emprestou uma disposição particular ao repórter.

O que mais me metia medo não era propriamente a morte, porque quando você já tem uma certa idade você já viu tudo na vida. A partir de certo momento eu acho que você está mais disponível para aceitá-la. É isso, de um lado você tem que estar disponível para enfrentar as dificuldades, tem que estar consciente que pode morrer. Eu estava um pouco assim no Iraque. Essa disposição me levou a estar ali. Acho que isso também me preparou psicologicamente.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Fino, Carlos; entrevista ao autor

Às cinco horas da madrugada de quinta-feira termina o silêncio no quarto 1.727. Cai uma bomba ao lado do Hotel Palestina. Houve-se um estrondo enorme. A edificação vacila nos seus alicerces. Liga-se novamente todo aparato tecnológico, porque a guerra começou.

### 2.2.1 Sorte e determinação

Eu presumo que estamos agora em directo. Portanto, eram cinco e meia daqui quando se começaram a ouvir estrondos. O hotel em que estamos sofreu um abanão e de imediato começaram a tocar as sirenes de alarme contra ataque aéreo. Neste momento essas sirenes sossegaram e voltam a ouvir-se o chilrear dos pássaros neste amanhecer em Bagdade. Mas é um sinal claro de que está iminente, ou já mesmo começou, um ataque por parte dos Estados Unidos (...) São claramente audíveis aqui mais explosões... É um trovejar sobre Bagdade, é um trovejar sobre Bagdade. Há também... há claramente mísseis no ar. É um trovejar profundo sobre Bagdade. No entanto, as luzes da cidade continuam acesas. Os pássaros fogem e silenciam-se. Vêm-se mísseis no ar, sinais luminosos, e tudo em redor começa a explodir como num fogo de artifício. Há um fogo de artifício aparente, um fogo mortal sobre os céus de Bagdade. Há carros que circulam na cidade e as luzes mantêm-se para já acesas, a energia eléctrica continua a funcionar. Mas é um ataque fortíssimo à capital do Iraque”<sup>8</sup>

Este relato de Carlos Fino, transmitido ao vivo pela RTP, sobreposto a um conjunto de imagens confusas, marcou um momento simbólico no mundo do jornalismo. Com voz tensa, Fino anunciou em primeira mão para milhares de espectadores que a Guerra do Iraque havia começado. O chamado “furo jornalístico” foi dado em cima de todas as grandes redes de televisão mundiais.

Longe do troféu que isto significa, o que nos interessa aqui é mostrar as circunstâncias jornalísticas que propiciaram a vitória de uma modesta equipe portuguesa. Até mesmo para que os mitos sejam derrubados, nas palavras do próprio repórter, foi uma vitória principalmente da sorte e da determinação: “O mérito meu, se há algum, é não ter ido dormir”, diz.<sup>9</sup>

Na leitura do correspondente, os americanos e os ingleses que estavam em Bagdá sabiam, ou tinham informações privilegiadas, de que a guerra iria começar algumas horas depois do que de fato aconteceu. O que ocorreu foi o inesperado. Inclusive, foi divulgado na época que as informações do serviço de inteligência

---

<sup>8</sup> Fino, Carlos, ao vivo para RTP, 20 de Março 2003.

<sup>9</sup> Fino, Carlos; entrevista ao autor

apontavam que Saddam Hussein estaria naquela hora, naquele Palácio, naquela noite.

O que houve foi uma decisão dos militares americanos de começar o bombardeio antes do previsto. Os colegas de Fino, que provavelmente tinham a informação, foram dormir. Ele, que não tinha informação nenhuma, estava à procura de fontes bebendo café e agüentando para ver se começava ou não começava. “E começa. Só que quando começa, nós que não tínhamos informação estávamos mais próximos para reagir. E reagimos”.<sup>10</sup>

O fator sorte foi que a RTP tinha organizado um debate ao vivo do estúdio em Portugal, justamente para prever a hipótese do conflito estourar. O debate já tinha ultrapassado todos os limites de horário quando a guerra teve início. Por acaso, um teimoso general ainda insistia em falar e o apresentador a ouvir. Fino havia recebido ordem para desligar e ir dormir. Eram duas horas da madrugada em Lisboa.

“Como num filme, quando nós acabamos de desligar e olhamos um para o outro e dissemos: ‘foda-se, esta merda nunca mais começa’, cai uma bomba ao lado do hotel. Houve-se um estrondo enorme. Ligamos de novo todos os fios porque a nossa recepção do videofone acabava de ser rompida”.<sup>11</sup> O videofone é um computador que transforma os sinais recebidos da câmara de vídeo em sinais possíveis de serem transmitidos via satélite.

Assim como o celular foi a novidade da primeira guerra do golfo, na guerra do Iraque a novidade tecnológica foi o videofone. Com ele é possível transmitir a imagem em tempo real para qualquer parte do mundo. Com esse aparelho, Fino e Patrício refizeram todas as ligações. Por sorte, naquela hora da manhã, 5h30 em Bagdá, o satélite estava livre. A produção do programa, que ainda não tinha acabado, poderia colocá-los no ar novamente.

Foi difícil convencê-los, porque ninguém acreditava. A primeira reação foi ‘mas como é que está a começar a guerra se a CNN não deu nada’. Aí, finalmente eu chamei os nomes... por que a ligação tava feita, era só colocar a imagem no ar. Eu dizia: ‘mete-me no ar porque tenho informação para dar, esta merda está a começar’. Quando eles finalmente decidem, por especial favor, bem, foi um grande fogo de artifício. Nós entramos em cheio, ao vivo, e em primeira mão para o mundo inteiro. Quando a CNN entrou no ar, uns três ou quatro minutos depois, eles reconheceram que a estação portuguesa RTP estava a afirmar que a guerra havia começado.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Fino, Carlos; entrevista ao autor

<sup>11</sup> Fino, Carlos; entrevista ao autor

<sup>12</sup> Fino, Carlos; entrevista ao autor

Fino já estava no Iraque há 53 dias. Ele e o câmara chegaram em Bagdá na madrugada do dia 27 de janeiro de 2003, vindos de Damasco, Síria. Os dois viajaram a convite da Associação Luso-Árabe para as Indústrias Químicas e Petroquímicas, uma associação de amizade montada pelo regime iraquiano com a função de fomentar relações com outros países por meio da promoção de interesses econômicos.

Com a previsão da guerra, a Associação convidou a RTP para se deslocar ao Iraque. À medida que o confronto com os Estados Unidos se aproximava, cada vez mais o regime de Saddam se mostrava interessado em ter por perto televisões ocidentais que pudessem veicular outros pontos de vista que não apenas os de Bush. É no domínio da opinião pública que a guerra começa. O que para Fino e Patrício foi uma vantagem.

Nessa altura do jogo, estavam no Iraque apenas os meios de comunicação que tinham condições de pagar grandes quantias pelos direitos de cobertura exigidos pelo governo iraquiano. Com uma capacidade limitada de controle sobre os jornalistas, o Ministério da Informação do Iraque passou a cobrar caro por novas autorizações de entrada no país. A preferência foi por aqueles que já estavam no local ou possuíam alguma ligação com o regime.

Em determinado momento da guerra inclusive a Folha de São Paulo teve que retirar seus jornalistas de Bagdá, Sérgio Dávila e Juca Varella, por medida de segurança e dificuldades de envio de dinheiro. A Rede Globo, fez a cobertura do Kuwait, também por razões financeiras e diplomáticas.

Enquanto centenas de jornalistas se preparavam para cobrir a guerra na situação de “embedded”, Fino vivia o outro lado da moeda. Os jornalistas “embedded” ou encaixados foram os que aceitaram fazer a cobertura inseridos dentro das tropas americanas. Eles tinham a vantagem de acompanhar a ação de perto, mas por outro lado não podiam informar o local da notícia nem revelar o número de baixas norte-americanas nas operações.

No caso de Fino, ele ficou “encaixado” no hotel Palestina, sob os olhos do governo do Iraque, reservado especialmente para imprensa estrangeira em Bagdá. A divisão no hotel foi feita por afinidades culturais: americanos ficaram junto com ingleses e australianos; portugueses junto com europeus e latinos; e orientais, que eram poucos, entre si ou espalhados.

O hotel Palestina foi construído na década de 75. Ainda em 2003 guardava os ares daquela época, conforme relato de Fino. Em cada quarto foram improvisados estúdios de televisão e redações de jornal. Com o passar dos dias, os empregados desapareceram e o serviço de quarto se reduziu ao nada.

Como, no melhor dos casos, só tínhamos tempo para almoço (quase sempre muito tarde, por volta das cinco), não comíamos depois até de madrugada, porque tínhamos de assegurar uma série de boletins para diferentes serviços noticiosos. Terminando o trabalho – por volta das duas da manhã, onze da noite em horas portuguesas – estávamos exaustos e famintos. Se o cansaço fosse maior que a fome, contentávamos com umas bolachas, um chá verde ou um copo de leite em pó, antes de tentarmos adormecer (FINO, 2003, pág 199).

Assim era o dia a dia e a alimentação dos correspondentes de guerra. Em outro episódio, narrado em livro, o correspondente português deixa bem claro a falta de infra-estrutura. Na noite do dia 19 para 20 de março, de volta ao episódio do furo jornalístico, em um contato telefônico com Lisboa sugeriram que Fino fizesse um estoque de água em caso de acabar o fornecimento. De fato o serviço já estava ruim na cidade.

Fino respondeu que possuía mais de 50 garrafas armazenadas. Os amigos de Lisboa sugeriram então que ele enchesse a banheira. O jornalista acatou. Deixou a água correr e voltou a tarefa de ligar cabos televisivos e escrever estórias. Quando lembrou da água já era tarde. O banheiro estava completamente inundado. Para completar, a água era barrenta. Nem fervida serviria para o consumo.

Retiramos pois as tampas que a prendiam e deixamo-la escapar...com um sorriso amarelo. Deixou-nos recordações por mais de uma semana – um carpete encharcado e um depósito castanho-escuro que aderiu teimoso ao fundo gasto das banheiras (FINO, 2003, pág 201).

A estória da banheira serve com a primeira lição de uma cobertura de guerra: as recomendações, mesmo as bem intencionadas, não devem nunca ser levadas ao pé da letra. Elas são importantes como guias. Mas a decisão final deve ser tomada sempre de acordo com as circunstâncias. “Não há catálogos precisos do que se deve ou não fazer em reportagem de guerra”, diz Fino.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Fino, Carlos; entrevista ao autor

## 2.3) Mergulho em profundidade

Certa vez o jornalista e escritor colombiano Gabriel García Márquez disse que o jornalismo é uma paixão insaciável que só pode ser digerida e humanizada por meio de uma confrontação descarnada com a realidade. García Márquez se referiu basicamente ao ofício alucinado da profissão, que tem como pré-requisito a constante busca pela notícia.

Para cobrir uma guerra, a paixão é uma condição indispensável, mas não pode ser nunca a única fonte de alimentação do repórter.

Há um conjunto de regras, o padrão é BBC porque são os que trabalham há mais tempo com isso, que eu comparo um pouco ao mergulho em profundidade. Você não mergulha de qualquer jeito em profundidade. A cobertura de uma guerra é como um mergulho em profundidade. Você tem que observar um conjunto de regras. Tem que fazer um treino, tem que saber respirar, tem que saber dosar a pressão, tem que ter oxigênio. Se não afunda, morre, arrebentam os pulmões. É a mesma coisa com o jornalismo.<sup>14</sup>

A afirmação do jornalista Carlos Fino expõe o que ele classifica como um conjunto de regras consagradas para se cobrir uma guerra. As primeiras regras são de foro jornalístico e portanto não diferem do que deve ser aplicado em qualquer outro tipo de cobertura do dia a dia da profissão. São elas: ouvir todas as partes em questão, estabelecer um equilíbrio entre as partes citadas e buscar sempre a verdade dos fatos.

Isto garante o que em jornalismo é chamado de objetividade. Ser objetivo é procurar relatar um fato com fidelidade, reproduzir exatamente a forma, as circunstâncias e as repercussões que o cercam. O manual de redação do jornal Folha de São Paulo vai dizer que não existe objetividade em jornalismo, pelo simples motivo de que ao escolher um assunto, redigir e editar um texto, o jornalista toma decisões subjetivas. Ele é influenciado por suas posições pessoais, hábitos e emoções.

Isso não exime o repórter da obrigação de ser o mais objetivo possível. Muito pelo contrário, essa busca incessante é o que vai aproximá-lo da objetividade possível. Nesse caminho o jornalista precisa ouvir todas as partes em questão. Qual a função disso? Evitar a manipulação da informação. Todo fato comporta mais de

---

<sup>14</sup> Fino, Carlos; entrevista ao autor

uma versão. Registrar todas elas faz com que o leitor tenha a possibilidade de tirar suas próprias conclusões.

O jornalista José Hamilton Ribeiro, autor do livro “O Gosto da Guerra”, e que cobriu a guerra do Vietnã para extinta revista Realidade, conta como foi a sua cobertura:

O projeto da minha reportagem na guerra tinha duas partes: uma, do lado sul (americano); outra do lado norte (comunista). A idéia era ver a guerra dos dois lados, para chegar, depois, a uma descrição isenta e imparcial (isso é possível numa guerra? Duvido, mas a ordem era tentar). Como o visto para o norte não saía, e nem sairia, como soube depois, o jeito foi começar pelo sul – e ficar por aí mesmo (RIBEIRO, 2005, pág 108).

O correspondente da BBC Stephen Cviic escreveu sobre o mecanismo utilizado pela rede britânica para conseguir a objetividade possível durante a Guerra do Iraque:

O primeiro problema em tentar ser objetivo durante uma guerra é ter acesso às fontes e enxergar as situações dos dois lados. A BBC tinha repórteres embutidos em unidades das forças norte-americanas e britânicas. Obviamente, não tínhamos repórteres embutidos nas forças iraquianas. O que tínhamos, sim, era um grupo de correspondentes em Bagdá, e isso foi um fator-chave para dar credibilidade a nossa cobertura. Esses repórteres podiam assistir às coletivas do Ministério da Informação iraquiano e descrever para o público mundial como era estar sob o fogo norte-americano. No entanto, em outros lugares do Iraque, só podíamos mandar imagens e reportagens de um lado do campo de guerra. Não havia solução para isso (GIBB in GOYZUETA & OGIER, 2003, p. 17).

E se não há objetividade possível então é melhor ser abertamente subjetivo. “O jornalista apura com rigor, mas dá a visão dele sobre os fatos. Eu acho suicídio os jornais e revistas abrirem mão da subjetividade. Quanto mais autoral e, em alguns casos, até mesmo subjetivo, o jornalismo será melhor”, disse Zuenir Ventura em 1990 (Cadernos de Jornalismo, Fenaj, 1990, pág 17).

Na opinião de Cviic o emprego das palavras é a parte mais importante em tentar ser objetivo. Ele explica que o essencial é sempre imaginar que o seu ouvinte, leitor ou telespectador está do outro lado do conflito. Como exemplo, cita a pergunta que os jornalistas costumavam fazer durante a Guerra do Iraque, “o que vai acontecer quando o conflito acabar?”. A questão deixava implícito que a guerra seria um sucesso para norte-americanos e britânicos, o que prejudicou a cobertura. Pensar sobre o outro lado é fundamental.

Após ouvir todas as partes em questão é necessário garantir o equilíbrio entre elas. Quando uma informação é ofensiva a uma pessoa ou entidade por exemplo, o



manual da Folha recomenda que as duas versões tenham destaque proporcional na matéria. A finalidade é assegurar uma aproximação com a realidade. A reportagem será sempre melhor quando for mais fiel ao fato. A verdade surge com a boa apuração da notícia.

Durante a Guerra do Iraque, curiosamente, como a situação estava muito polarizada, alguns governos a favor e a opinião pública contra, os jornalistas ganharam margem de manobra para reportar com mais equilíbrio os dois lados do conflito, o que integra a regra do “mergulho em profundidade”, de Carlos Fino.

Nós dávamos o bombardeio de um bairro habitacional de Bagdá, mas se no caminho eu via que havia ali um dispositivo militar ao redor eu não podia deixar de me referir a isso. O que atenuava um pouco a idéia de que tinha sido um bombardeio proposital, contra a população civil. Nós temos que dar as várias facetas. Foi um pouco isso que eu tentei fazer. Colocar-me um pouco a margem da paixão das coisas. Eu acho que isso é possível. Quanto mais fonte de informação houver melhor. Já não há só a CNN, há as televisões árabes, há outras televisões pequenas que podem estar hoje no terreno facilmente graças à tecnologia e dar outra visão da coisa. É esse conjunto de informação que possibilita o mais próximo possível da verdade, que é sempre relativa.<sup>15</sup>

O correspondente argentino Carlos Turdera, que durante o ano de 2003 participou de um programa de intercâmbio no jornal Folha de São Paulo, faz uma provocação aos conceitos de objetividade e distanciamento extraído dos manuais.

A aplicação burocrática do preceito de não ideologizar a informação conduz muitas vezes a uma versão pasteurizada, quando não interessada, dos temas. A objetividade está aí como um dogma. De que vale a discussão? Por acaso alguma vez a imprensa evitou o início de uma guerra ou conseguiu que ela terminasse? É arriscado responder afirmativamente. Não é esse o seu rol. A imprensa deve apenas informar, manda o manual. Arriscado, portanto, é perguntar se se deve embarcar em outras áreas que não sejam as de somente reportar fatos. De qualquer forma, acho estimulante debater em torno dos limites da objetividade (Guerra e Imprensa. Goyzueta, Verônica e Ogier, Thierry, pág 92).

O que Turdera quer dizer é que assim como as estruturas de comunicação foram convertidas em poderosas armas de propaganda, elas também podem e devem ser utilizadas como armas de paz. Cabe aos veículos divulgar a notícia da maneira mais objetiva possível e, quando for necessário, ampliar os espaços reservados aos editoriais e opiniões. Assim o jornalismo não foge do seu compromisso com o interesse público.

---

<sup>15</sup> Fino, Carlos; entrevista ao autor

Ao longo de sua explanação, no livro *Guerra e Imprensa*, Turdera deixa propositalmente várias perguntas sem resposta, uma delas cabe responder nesta monografia. “Até onde e até quando deve um jornalista se manter imparcial ante os fatos que tem de reportar?”. A resposta a essa indagação, está no papel do jornalista, neste caso no do correspondente de guerra.

O papel do jornalista é delicado. Até porque é uma profissão de fronteira, uma profissão entre a propaganda e a objetividade. E o próprio estatuto do jornalista é um estatuto diminuído em geral. O jornalista é muito dependente. Para ser o que nós dizemos que somos eu acho que o estatuto dos jornalistas tinha que ser muito mais reforçado. Precisamos ter direitos quase que comparáveis aos da magistratura. Um corpo treinado, bem pago, intocável, que pudesse exercer o que no fundo é a mesma missão, apurar a verdade tal como a magistratura.<sup>16</sup>

A posição de Carlos Fino é polêmica, sobretudo porque pressupõe uma via burocrática que pode estrangular a liberdade da profissão. No entanto, serve de alerta para que os jornalistas não se tornem “idiotas úteis”, a favor de uma causa ou de outra. “Isso exige um exercício sempre de distanciamento. É uma dificuldade a mais por que você por um lado tem que se aproximar da fonte, mas ao mesmo tempo tem que traí-la. Tem que dizer alguma coisa que ela não vai gostar” (Fino).

José Hamilton Ribeiro enxerga a situação da seguinte maneira:

O que leva um jornalista a uma cobertura de guerra ou a uma situação de perigo, um pouco é a vaidade; um pouco é espírito de aventura; um pouco é a ambição profissional e muito, mas muito mesmo, é a sensação, entre romântica e missioneira, de que faz parte de sua vocação estar onde a notícia estiver, seja para ali atuar como testemunha da história, seja para denunciar o que estiver havendo de abuso de poder (político, psicológico, econômico, militar), seja para açoitá-la injustiça, a iniquidade e o preconceito. Após tudo isso, uma pitada de falta de juízo (RIBEIRO, 2005, pág 103)

O jornalista Heródoto Barbeiro complementa a afirmação. “Não se faz jornalismo para agradar pessoas, este é um preceito ético da profissão”. Na análise de Barbeiro isso pesa muito mais contra os correspondentes de guerra, dado que invariavelmente são submetidos a um falso nacionalismo quando divulgam no exterior notícias que contrariam os interesses de governos, grupos econômicos ou políticos. “A contribuição que os correspondentes deram e dão para a democracia mundial é significativa e não se pode abrir mão dela”, diz o jornalista.

---

<sup>16</sup> Fino, Carlos; entrevista ao autor

Augusto Nunes vai dizer que o papel do jornalista, em síntese, continua sendo justamente a busca da verdade.

Ora, a função social do jornalismo, a função política, ou qualquer outra função que se queira dar à profissão, será sempre a da busca da verdade. Apure e conte, com paixão. Eu, por exemplo, não tenho a mínima dificuldade em contar coisas desagradáveis sobre pessoas de quem eu gosto: o jornalista é uma figura condenada a sofrer rupturas unilaterais. Talvez seja isto que leve algumas pessoas a falar em missão e coisas do gênero...eu não tenho esta visão mística do jornalismo. Acho que é uma profissão apaixonante porque buscar a verdade a todo tempo é apaixonante (apud, VIEIRA, 1991, pág 29).

Como fazer para buscar a verdade na guerra? O correspondente australiano Phillip Knightley, (Primeira Vítima; A. Nova York, 1975) defende que cada governo tentará controlar os meios de comunicação durante um conflito para obter apoio aos seus objetivos. Knightley dá uma receita do modo como os meios de comunicação se comportam ao cobrir uma guerra, em quatro pontos que sempre se repetem.

Primeiro, a guerra vai ser apresentada em termos da luta do bem contra o mal; segundo, o lado maligno vai ser demonizado e seu líder apresentado como um novo Hitler; terceiro, o lado do bem vai ser mostrado como o salvador da civilização, humanitário e forçado a agir por causa da barbárie do outro lado; por fim, em quarto, velhas histórias sobre atrocidades serão tiradas da gaveta e recicladas. Algumas serão verdades e outras serão falsas, só depois da guerra vai se saber o que foi mentira ou não.

O que isso nos mostra é que as regras servem para balizar o trabalho do correspondente de guerra. Este, por sua vez, não deve abrir mão da sua capacidade pessoal de interpretar os fatos e criticá-los quando achar necessário. Até num simples acidente de automóvel há várias testemunhas e testemunhos contraditórios. Em uma guerra também existem interesses que vão determinar a maneira como se vê o conflito. O papel do jornalista é não fechar os olhos para a existência de tais interesses. E denunciá-los sempre que possível.

### **2.3.1 Não basta ser voluntário**

Respeitadas as técnicas jornalísticas de cobertura, “a regra do mergulho em profundidade” é complementada pela preparação. É aquilo que Fino se refere como o treino necessário para saber dosar a pressão nos pulmões. As mudanças

tecnológicas e a proliferação de cursos universitários passaram a influir muito na profissão. Hoje, existe uma oferta muito grande de jornalistas formados no mercado, o que tira direitos e poder de reivindicação da classe.

Este fenômeno mundial atinge especificamente a cobertura de conflitos no que diz respeito a concorrência entre recém formados e veteranos. Normalmente, segundo Fino, os jornalistas jovens recém chegados nas redações querem fazer de tudo, estão dispostos a mostrar trabalho. Isso não é ruim, mas o fato das grandes empresas de comunicação não contratarem jornalistas veteranos para coberturas de risco leva a uma situação em que não haja carreira para os mais experientes. A alternativa comum se torna o caminho das assessorias de imprensa ou dos cargos empresariais de direção. Fino chama atenção para o fenômeno.

Não há mais lugar para os seniors, os elefantes brancos vão para vala comum. Cada vez mais o jornalismo está como o futebol, uma profissão para se exercer entre os vinte e os quarenta. Por que a partir daí ninguém mais quer saber, já está outra geração disposta a entrar. Não há uma carreira que contemple os seniors, aí os jornalistas vão parar em assessor de imprensa, consultorias, agências de publicidade.<sup>17</sup>

José Hamilton Ribeiro diz que sequer existe carreira de correspondente de guerra no Brasil. “Jornalismo de guerra depende de no país haver guerra, e haver jornalismo. Por graça do destino, somos um país quase sem guerra, e quanto a jornalismo, não é também que tenhamos muito...”.<sup>18</sup>

A falta de perspectivas profissionais fez com que o próprio Fino aceitasse deixar a reportagem de lado para se tornar assessor ou “conselheiro” de imprensa da Embaixada de Portugal em Brasília. Ou isso, ou ter que enfrentar uma chefia jovem que Fino julga não estar preparada para gerir as redações. Questionado se voltaria a cobrir uma guerra, ele hesita mas responde sim.

A condição seria voltar aos campos de batalha como uma espécie de “enviado especial permanente”. É o jornalista que está em um determinado país, mas disponível para ir a qualquer outro lugar. É o modelo que a rede britânica de rádio e televisão, BBC, faz com os mais velhos. Os repórteres mais experientes vão para guerra dar um enquadramento a cobertura. Os jovens jornalistas fazem o trabalho de campo, mais pesado. Enquanto o primeiro faz o diferencial com uma

---

<sup>17</sup> Fino, Carlos; entrevista ao autor

<sup>18</sup> Ribeiro, José Hamilton, O gosto da guerra, 2005, pág 108.

análise mais aprofundada dos fatos, o segundo faz a crônica diária. Esta parece ser uma boa fórmula.

Fino compara, com certo radicalismo, o despreparo dos jovens repórteres de guerra com a imagem dos soldados americanos em Bagdá. Ele conta que teve mariners no seu quarto que não faziam a menor idéia de como era a cidade que eles haviam tomado e em que condições a população do local vivia. A maioria eram rapazes sem muita educação saídos do interior dos Estados Unidos ou então imigrantes mexicanos e portoriquenhos. “Para eles democracia é existir Coca-Cola e Pepsi, e poder escolher entre as duas”, diz Fino.

Ele conta que viu jovens correspondentes irem para os campos de conflito como quem vai para qualquer outra pauta do dia a dia.

Com toda tecnologia ao vivo, no caso da televisão você tem que falar muito tempo, muitas vezes. Então tem que saber do que está a falar. Tem que ter bagagem. Você poder ler uma história do Iraque antes de ir para o Iraque. Conhecer as linhas gerais do que estava lá antes. O que está em jogo, as riquezas, os habitantes. Tem que estudar. No fundo é isso: estudar. Esse cenário de guerra exige o mínimo de preparação. Hoje em dia nós temos a visão de que tudo é virtual, e tem jovens jornalistas que acham que é “vou ali na guerra e já volto”. Não é bem assim. E às vezes as redações alimentam isso. É um pouco suicida.<sup>19</sup>

Na avaliação dele a grande lição que fica é a humildade. “Ter a noção da sua pequenez, e se preparar. Ter a simples garantia de um intérprete. Não ir sem preparo para qualquer situação”.

## **2.4) Depois do zunido, a bomba**

Dentro do escritório do assessor de imprensa Carlos Fino, na Embaixada de Portugal em Brasília, a memória mais viva da guerra está em um porta retrato. A foto do correspondente a frente de um tanque estacionado nas ruas de Bagdá é o único elemento que remete diretamente aos conflitos armados. Fino foge das lembranças de guerra como quem foge da morte. Sensação que já carregou por mais de uma batalha.

Perguntado diretamente sobre o risco de morrer em uma cobertura, o correspondente baixa a cabeça leva as mãos a cintura e permanece em silêncio por

---

<sup>19</sup> Fino, Carlos; entrevista ao autor

longos segundos. Uma voz parece dizer: “pergunte-me outra coisa ou acabaremos a entrevista por aqui”, pelo menos é isso que demonstram os gestos. Não é preciso falar mais nada. A reação de Fino por si só já serve para o objetivo deste capítulo: mostrar que por mais preparado que o jornalista esteja a morte sempre é uma possibilidade concreta na cobertura de guerra.

Uma pesquisa do “Committee to Protect Journalists”<sup>20</sup> (CPJ), uma das mais respeitadas entidades norte-americanas de proteção a jornalistas de guerra, mostra que entre 1993 e 2002, 366 jornalistas foram mortos enquanto trabalhavam em zonas de guerra. Desse total, 60 (16%) morreram em situações de fogo cruzado, enquanto outros 277 jornalistas (76%) morreram em consequência de suas reportagens. Em março deste ano o Instituto de Imprensa Internacional (IPI) divulgou que 65 jornalistas foram assassinados no planeta em 2005. O Iraque, onde 23 repórteres morreram ano passado, continua sendo o país mais perigoso do mundo para a profissão.

O que aconteceu com as pessoas que mataram estes jornalistas? Nada, responde a pesquisa do CPJ. Desde 1999, apenas 21 casos de 277 tiveram os suspeitos presos ou processados. Em 23 casos, como os do repórter da TV Globo Tim Lopes ou o do New York Times, Daniel Pearl, os jornalistas foram seqüestrados e mortos em decorrência de suas matérias. O que obriga os correspondentes de guerra a sempre reavaliar os riscos e a hora de deixar o campo de batalha.

Sobre isso, o membro honorário do CPJ, que foi mantido refém no Líbano por quase sete anos seguidos, Terry Anderson, diz: “Sempre, constantemente, a cada minuto, pese os benefícios contra os riscos. E quando mais rápido você chegar ao ponto em que se sente desconfortável com essa equação, saia fora, vá embora, deixe o local. Não vale a pena o risco. Não existe estória que valha a pena morrer para contar”.

O correspondente especial da Associated Press, Charles Hanley, explica quando é melhor se esconder ou ser claramente identificado como jornalista em uma situação de guerra. Para ele não adianta usar disfarce. Uma vez na zona de conflito, não importa se com capacete, roupa tradicional ou qualquer outra “fantasia”, o jornalista sempre será reconhecido como tal a milhas de distância.

---

<sup>20</sup> Entidade norte-americana de proteção a jornalistas de guerra, relatório anual, 2003.

Em uma situação de cobertura junto as tropas, no caso dos “encaixados”, Hanley defende que o jornalista está ali como um observador. As imprevisíveis situações impõem a necessidade de regras rígidas e rápidas. “Parece melhor ao jornalista ficar quieto mas não introspectivo, carregar o notebook fora da bolsa e nunca esquecer o fato de que ele está ali apenas para observar, ouvir e gravar”.

A correspondente brasileira da Associated Press, Cristiana Mesquita diz que apesar da rotina da guerra ser parecida com a das coberturas de acontecimentos normais do dia a dia, o diferencial é que qualquer atentado a vida pode acontecer no caminho da base até o local de trabalho. O medo da morte é uma constante, às vezes em menor ou maior escala.

Você não vai nessas guerras todas sem passar por várias dessas situações. Na Bósnia, por exemplo, minha casa foi bombardeada e eu tive que ser retirada literalmente dos escombros. No meu último dia no Afeganistão, eu tinha que fazer uma matéria sobre minas terrestres e a gente quase explodiu junto com um cara, ou seja, ele explodiu e nós não, mas foi muito perto, chegou a machucar. No Iraque, agora em Falluja, eu estava com umas tropas e nós avançamos muito. Os insurgentes que estavam a nossa frente fizeram um recuo e nos pegaram por trás e nós ficamos ali presos bastante tempo esperando reforço que eu, a uma certa altura, depois de quatro horas, já estava achando que não ia chegar nunca, mas finalmente chegou e nós conseguimos sair de lá. Enfim, são várias situações em nível maior ou menor (MESQUITA, 2005, pág 22).

O correspondente Carlos Fino, ao final de sua entrevista para este trabalho, resolve enfim falar sobre o assunto. Relembra situações trágicas das zonas de guerra. Diz que o terreno é sempre difícil e as circunstâncias são péssimas. O repórter se torna disponível para presenciar o que ele chama de perda do verniz civilizacional: refugiados, milhares e milhares de pessoas em deslocação, civis perseguidos por exércitos, miséria humana e infinitas atrocidades.

Fino viveu, somente no Iraque, duas situações de perigo iminente. A primeira foi no início da guerra, quando foi seqüestrado por rebeldes iraquianos. A segunda, quando o hotel onde estava, o Palestina foi alvo do “fogo-amigo”. Dia 8 de abril de 2003, às sete horas da manhã, os tanques da 3ª Divisão de Infantaria do exército americano avançaram rumo ao norte da cidade de Bagdá, pela margem direita do Rio Tigre. Os canhões avançavam o terreno cuspidando fogo.

Às dez da manhã, segundo relatos do correspondente português, já era possível avistar das janelas do hotel dois tanques norte-americanos em posição de ataque sobre a ponte Al-Jamuriah, perto dali. Ao meio-dia já haviam se passado

cinco horas desde os primeiros confrontos entre americanos e iraquianos. Como tudo se manteve igual, Fino decidiu desligar o videofone. Subitamente, um dos tanques americanos estacionados na ponte voltou o canhão para o hotel e disparou.

Bombardearam e morreram jornalistas dois pisos abaixo do meu. Eu ainda tive estilhaços na minha varanda. A câmera da televisão mexicana que estava na varanda abaixo da minha ficou em chamas e a parede cheia de sangue. Eu só estou falando aqui com você graças a Deus e a minha mãe que está lá no céu, mais nada. O tiro não foi no meu andar, mas poderia ter sido. Só estou aqui por acaso. Eu continuei dentro do hotel para reportar para RTP. Tive agüentando ali quatro minutos de comerciais até que me colocaram no ar. Era o tempo do segundo tiro, se houvesse um. E o sargento que atirou, bastava um milímetro de ângulo ou o tocar com o ombro dentro do tanque para o tiro em vez de vir para o décimo quinto e décimo sexto, vir para o décimo sétimo, onde eu estava.<sup>21</sup>

No ataque ao hotel Palestina cinco jornalistas foram feridos, dois deles morreram: José Couso, operador de câmera, 37 anos, da rede de televisão espanhola Telecino, e Taras Protsyuk, operador de câmera ucraniano da agência Reuters, 35 anos. Os americanos justificaram o tiro dizendo que o tanque se limitou a responder fogo de atiradores que estariam disparando da região do hotel. Nenhum dos quase 300 jornalistas que estavam no Palestina, segundo o CPJ, confirmaram a versão.

Depois disso, como dormir de noite? Fino responde:

Agora já estou mais calmo, mas antes, quando ouvia passar um avião muito próximo, eu ficava a espera do som da bomba. Aqui entre a quadra 15 e 19 do Lago Sul, quando passam aqueles aviões baixos, eu ainda ficava a espera de ouvir o estrondo. Agora já não tenho essa reação. Você se adapta.<sup>22</sup>

José Hamilton Ribeiro, perdeu parte da perna esquerda ao pisar numa mina na Guerra do Vietnã. O repórter brasileiro se acidentou no dia 20 de março de 1968. Era para ele ficar 40 dias no Vietnã, mas no último instante da cobertura aceitou acompanhar o seu fotógrafo em mais uma missão, foi quando ocorreu a fatalidade. Ribeiro descreve a sensação:

Sentia na boca um gosto ruim, como se tivesse engolido um punhado de terra, pólvora e sangue – hoje eu sei, era o gosto da guerra. Cuspia, cuspia, mas aquela gosma amarga permanecia na boca. Então senti um repuxão violento na perna esquerda e só aí tive consciência de que a coisa era comigo (RIBEIRO, 2005, pág 20).

---

<sup>21</sup> Fino; Carlos, entrevista ao autor

<sup>22</sup> Fino; Carlos, entrevista ao autor



## **2.5) Lições do front**

A partir da entrevista com o correspondente Carlos Fino e das pesquisas bibliográficas sobre o assunto, formulou-se orientações sobre os principais elementos que fazem parte da cobertura jornalística de uma guerra.

### **2.5.1 Convenções**

A conduta de exércitos ou mesmo países durante guerras são regidas por leis humanitárias internacionais. Uma série de acordos, tratados e convenções foram elaboradas desde a propagação das primeiras batalhas. Recentemente o tratado mais importante foi a Convenção de Genebra, de 1949. É importante que os jornalistas de guerra conheçam estes protocolos para serem capazes de identificar qualquer tipo de violação a essas leis. Além disso grande parte delas fazem menção direta aos jornalistas.

Inicialmente, pela Convenção de Genebra jornalistas que acompanhavam forças militares eram considerados parte dos agrupamentos. Se um exército rival capturasse algum destes jornalistas, eles deveriam ser tratados como prisioneiros de guerra e não poderiam ser acusados de crimes como espionagem, por exemplo. Os prisioneiros de guerra devem ser tratados de forma humana. Ou seja, tem direito a abrigo em condições seguras, receber tratamento médico e alimentação adequada.

Apesar disso, 30 anos depois, alguns protocolos foram ratificados. Hoje, o artigo 79 do Protocolo I da Convenção de Genebra estabelece que jornalistas em coberturas de guerra devem ser considerados civis, ao menos que estejam com uniformes militares. Como se sabe, civis não possuem os status de prisioneiros de guerra. Uma vez capturados podem ser acusados de crime contra leis do Estado, tal como não portar visto de permanência. Se estiverem com exércitos terão mais direitos, porém, menos independência. Estarão sujeitos a ataques de forças oponentes.

### **2.5.2 Opções de cobertura**

Apesar do termo embutido ou encaixado, em inglês “embedded”, ter se tornado popular na guerra do Iraque em 2003, a prática não é nova. Desde a Guerra da Criméia, há mais de 150 anos, jornalistas acompanham os exércitos como seus verdadeiros integrantes. Desde então repórteres nessa situação são obrigados a conviver com a censura dos oficiais. Estão sujeitos a impedimentos tais como não divulgar o local da notícia nem o número de baixas.

A vantagem deste tipo de cobertura, no entanto, é que os “encaixados” tem uma visão privilegiada das ações de guerra. Mas, se por um lado estão perto do acontecimento, por outro perdem a visão geral do conflito. Podem acabar ficando mais íntimos dos soldados o que compromete a reportagem em termos de isenção.

Outra forma de cobrir uma guerra é de maneira independente. Neste caso, os jornalistas se movem por conta própria pelo campo de batalha. São repórteres credenciados, mais conhecidos também como unilaterais. Este tipo de cobertura oferece a possibilidade de presenciar grandes acontecimentos com maior autonomia. O preço que se paga é o risco de morte. Centenas de jornalistas unilaterais foram mortos no Iraque. Os ataques contra estes repórteres podem vir de ambos os lados, sob fogo cruzado.

### **2.5.3 Segurança**

Uma das habilidades mais importantes que um jornalista pode aprender em um campo de batalha é como proteger a si mesmo e os seus colegas. Para isso existem diversos cursos, maior parte deles oferecidos por militares, que ensinam como se portar na guerra, que tipo de roupa usar, o que fazer durante um ataque ou seqüestro e como usar as novas tecnologias a favor da cobertura jornalística.

A empresa britânica Centurion Risk, especializada em cursos militares para jornalistas, elaborou um guia rápido com 16 dicas para se proteger durante a cobertura de guerra. Segundo a associação, os principais pontos para garantir integridade física são: Esteja preparado fisicamente e mentalmente; carregue estojo de primeiros socorros e use um bracelete com indicações de tipo sanguíneo ou alergias; estude a cultura local e aprenda algumas palavras chaves; não se desloque sozinho; se viajar por terra faça em carros apropriados e em comboio; marque

encontros não familiares apenas em locais públicos; não carregue pertences que possam ser identificados como instrumentos militares; não carregue armas; utilize um crachá de identificação e não tente se passar por outra pessoa; carregue cigarros e outras lembranças para distribuir como gentilezas; tenha o número dos telefones de emergência sempre a mão; e conheça seus direitos.

#### **2.5.4 Questionário**

Foi aplicado um questionário, com perguntas do tipo sim ou não, sobre a cobertura de guerra ao repórter Carlos Fino. A idéia possibilita uma visão geral sobre como ele analisa o trabalho do correspondente de guerra.

##### **Cobertura**

- 1- A cobertura jornalística de uma guerra é diferente da cobertura de um acontecimento do dia a dia? Sim
- 2- É importante ter um repórter brasileiro (ou de língua portuguesa) na cobertura de uma guerra? Sim
- 3- As nações envolvidas costumam dificultar o acesso do jornalista a informação? Sim
- 4- Em uma guerra a “primeira vítima” é a verdade? Sim
- 5- É errado se posicionar o mais próximo possível do acontecimento? Não
- 6- As novas tecnologias facilitaram o trabalho do repórter de guerra? Sim

##### **Preparação**

- 7- Antes de aceitar um convite para cobrir uma guerra o repórter tem conhecimento sobre o que vai enfrentar? Sim e não
- 8- A Universidade prepara o jornalista para uma cobertura de guerra? Não
- 9- É necessário algum tipo de treinamento para cobrir uma guerra? Sim
- 10- Quando o repórter é enviado a guerra os veículos costumam fornecer os meios de cobertura necessários? Sim
- 11- Os repórteres conhecem as razões e histórias dos conflitos para qual são enviados? Sim e não
- 12- É de fundamental importância conhecer o idioma das partes envolvidas? Sim e não
- 13- Um manual de redação de guerra seria importante? Você seguiu algum? Sim/não

##### **Bastidores**

- 14- Você sofreu algum ferimento decorrente da cobertura da guerra? Não
- 15- Alguém próximo a você morreu durante a cobertura? Sim
- 16- Você teve a sensação que estava em um combate? Não
- 17- Em algum momento da cobertura você achou que ia morrer ou que estava sob risco? Sim
- 18- Os correspondentes de guerra costumam fazer uso de álcool, cigarro ou drogas ilícitas durante a cobertura? Sim e não
- 19- Atualmente os repórteres vão pouco aos campos de conflito e passam mais tempo em hotéis? Não

## **Valorização do correspondente**

- 20- O leitor valoriza mais o jornal que possui um correspondente de guerra do que o jornal que não envia ninguém ao conflito? Sim
- 21- Os jornalistas enviados são necessariamente os mais aptos a exercer a função? Sim
- 22- Dentro da profissão do jornalismo, ser convidado para cobrir uma guerra significa uma espécie de premiação? Sim
- 23- Do ponto de vista profissional, vale a pena cobrir uma guerra? Sim
- 24- O correspondente de guerra é bem remunerado? Não
- 25- Se convidado, você voltaria a cobrir uma guerra? Sim e não

## **Veículos de comunicação**

- 26- Normalmente as televisões costumam enviar mais jornalistas às guerras do que outros veículos? Não
- 27- As reportagens sobre guerra recebem o merecido destaque no noticiário? Sim
- 28- Após a guerra é importante permanecer no veículo que você representou durante a cobertura? Sim
- 29- Deveria haver alguma garantia de permanência no veículo após o retorno da guerra? Não
- 30- Normalmente as empresas jornalísticas relutam em enviar jornalistas às guerras? Não
- 31- A tendência é que o número de correspondentes de guerra seja cada vez menor? Não

## **Organizações de apoio**

- 32- As organizações mundiais de proteção a repórteres de guerras são necessárias? Sim
- 33- Essas mesmas organizações cumprem o seu papel? Não inteiramente
- 34- Ter o apoio diplomático do seu país de origem durante a cobertura de uma guerra é importante? Sim
- 35- É importante fazer seguro de vida antes de cobrir uma guerra? Sim
- 36- Os seguros de vida costumam ser feitos pelos jornalistas envolvidos nesse tipo de cobertura? Não

## **Outras questões**

- 37- A cobertura do tráfico de drogas nas favelas do Rio de Janeiro é semelhante a cobertura de uma guerra? Não
- 38- O jornalista costuma confundir o seu papel na guerra com o do “salvador da pátria”? Não

### 3) Conclusão

Para fazer a cobertura jornalística de uma guerra com objetividade e distanciamento crítico é necessário em primeiro lugar honestidade. Honestidade com a fonte, com o tratamento da informação e com o leitor. Ser honesto significa ter uma postura íntegra diante dos fatos. Não se omitir da responsabilidade com o interesse público.

A confrontação entre as referências teóricas e o exemplo profissional do jornalista português Carlos Fino mostra que o jornalista tem que lidar com pelo menos três dificuldades concretas que envolvem a cobertura de uma guerra. São elas: falta de infra-estrutura, risco de morte e manipulação da informação.

Como foi possível perceber, o campo de batalha é por si só um terreno difícil. A situação de guerra impõe restrições a mobilidade do jornalista, aos recursos de produção da notícia e ao contato com as fontes. Soma-se a isso um ambiente onde os serviços básicos de primeira necessidade, como saúde, alimentação e transporte funcionam precariamente ou estão em colapso.

Em segundo lugar, sempre existe o risco do correspondente de guerra ser morto ou ferido durante a cobertura. No caso de quem trabalha de maneira independente as ameaças podem vir de todos os lados do confronto. No caso de quem integra a tropa, o jornalista se torna o próprio alvo dos atentados. Por último existe uma máquina de propaganda a serviço dos estados.

A manipulação de estrategistas em coberturas de guerra nasceu com o trabalho do correspondente internacional e sempre acompanhou as coberturas da mídia no decorrer da história. Para fazer a cobertura com distanciamento crítico é necessário vencer todas essas dificuldades. O que não é fácil. Os obstáculos podem ser transpostos por meio da preparação.

O jornalista de guerra tem que estar preparado. Isto inclui conhecer a história e razões do conflito, ter um intérprete, fazer um curso de sobrevivência, comunicar as autoridades diplomáticas do país, estar resguardado por um seguro de vida e por organizações mundiais de proteção ao jornalista. De acordo com Fino muitos jornalistas morreram em conflitos por simples descuidos a essas regras.

Depois disso, observa-se que a profissão também precisa ser fortalecida para que o jornalista seja capaz de comunicar o fato com maior isenção. Carlos Fino

sugere mecanismos como os da advocacia. Esta pode ser uma via muito burocrática, mas é necessário discutir o assunto. Há que se pensar a respeito de um estatuto ou de leis mais eficazes que garantam o cumprimento da liberdade de imprensa.

Muitos autores que aparecem nessa monografia registraram que a cobertura não pôde ser feita de uma maneira completa porque era impossível ter acesso aos dois lados do conflito. Isto não impediu que eles buscassem a verdade dos fatos. Sobre isso José Hamilton Ribeiro diz que guerra é ruim, mas sem repórter é ainda pior. No caso do Brasil a frase tem sentido mais crítico, guerra é ruim, mas sem jornalista brasileiro ou de língua portuguesa é muito pior.

Com o avanço da tecnologia e das novas mídias, ficou mais fácil a difusão de informações direto do campo de batalha. Isso permite que o “outro lado” seja reportado. E para que haja cobertura com distanciamento crítico isso é fundamental. As análises não substituem os fatos. Um correspondente no terreno, desde que devidamente preparado e maduro, dispensa as interpretações, mesmo quando assinadas por especialistas. Aproxima o leitor mais dos acontecimentos.

Na apresentação do livro de Clóvis Rossi, “Enviado Especial: 25 anos ao redor do mundo”, o jornalista Jânio de Freitas destaca como grande característica do colega o fato de ele nunca ter se esquecido de uma preocupação que emergiu nos anos 50 e 60, mas que se perdeu nos achados e perdidos do jornalismo brasileiro. O fato de tratar o assunto internacional não do ponto de vista externo, como é próprio do noticiário aqui veiculado, mas sempre que cabível do ponto de vista brasileiro.

Se Carlos Fino não fosse português, por exemplo, inúmeras pessoas não teriam tido acesso aos seus comentários via Radiobrás ou rádio CBN. Não teriam ouvido em primeira mão que a capital do Iraque estava sendo bombardeado pelos Estados Unidos ou que Saddam Hussein não tinha armas de destruição em massa apontadas para o Ocidente.

Esta monografia serviu também para resgatar a história desse profissional. É mais um capítulo do jornalismo internacional a disposição de futuros jornalistas. Certamente ficaram lacunas em alguns capítulos. Essas lacunas poderão ser preenchidas por outros pesquisadores. É como o jornalista José Antônio Novaes, disse a Clóvis Rossi, a profissão do correspondente é como o naufrago que coloca uma mensagem na garrafa e a lança ao mar. Nunca se sabe se foi bem ou mal

recebida, se foi bem ou mal interpretada, se foi ao menos entendida. A profissão do correspondente de guerra é isso, um contínuo lançar de garrafas ao mar.

A presente monografia lança um alerta para o papel do repórter de guerra em uma democracia. Não se trata apenas de informar. É uma questão de garantir que a violência das guerras não permanecerá oculta. Não se pode abrir mão dos correspondentes de guerra.

#### **4) Bibliografia:**

- ANDERSON, Jon Lee. A queda de Bagdá. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- COMMITTEE TO PROTECT JOURNALISTS. On assignment – a guide do reporting in dangerous situations. CPJ: 2003.
- FONTENELLE, Paula. Iraque – A guerra pelas mentes. São Paulo: Sapienza, 2004.
- FINO, Carlos. A guerra ao vivo. São Paulo: Verbo, 2003.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Novo manual de redação. São Paulo: 1992.
- GARAMBONE, Sidney. A primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- GOYZUETA, Verônica & OGIER, Thierry. Guerra e Imprensa – um olhar crítico da cobertura da Guerra do Iraque. São Paulo: Summus, 2003.
- HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz c. et FRANÇA, Vera V. Teorias da Comunicação – Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.
- KNIGHTLEY, Phillip. “The First Casualty: the war correspondent as hero, propagandist, and myth-maker from Crimea to the Gulf War II”, André-Deutsch, 2003.
- MESQUITA, Cristiana. Revista Imprensa. Edição de maio de 2005.
- NATALI, João Batista. Jornalismo internacional. São Paulo: Contexto, 2004.
- RIBEIRO, José Hamilton. O gosto da guerra. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- ROSSI, Clóvis. Enviado especial – 25 anos ao redor do mundo. São Paulo: Senac, 1999.
- VIEIRA, Geraldinho. Complexo de Clark Kent – São super-homens os jornalistas? São Paulo: Summus, 1991.